

NÚCLEO DE DRAMATURGIA
SESI PARANÁ

FIM

de João Agner

*{Peça escrita durante a Oficina Regular
do Núcleo de Dramaturgia SESI Paraná em Ponta Grossa, sob a
orientação de Cynthia Becker, no ano de 2011}.*

FIM

VOZ - Indicação dos tons nas rubricas.

/: Pausa {3 segundos aprox.}

//:Pausa {5 segundos aprox.}

{Cena única dividida apenas pela marcação do tempo em minutos}.

FIM

60 minutos

{A cena acaba numa cama fúnebre, um feixe de luz ilumina uma cadeira em frente à cama}.

{A voz renasce, em meio à cama de lençóis brancos, a voz levanta, vai até a pia, abre a torneira em conta gotas, os pingos de água caem dolorosamente no copo seco}.

Voz:

Nunca tive paciência para festas, abraços e convenções. Rosto maquiado, saltos e etiquetas. Desde criança, detestava abraços, festas e etiquetas, estourava todos os balões com o olhar pontiagudo, olhar cansado.

/

Criança cansada de coisas que nem havia vivido

//

Cansada só de pensar

/

Não pensava.

50 minutos

{Os pingos caem lentamente ferindo o copo, assim como as palavras daquela voz ferem a boca de quem fala}.

Voz:

Há quanto tempo não calo a boca, não durmo, não acordo.

Nunca tive paciência para festas, futebol e comentários sobre as mulheres gostosas com cérebros de silicone. Sempre rodeado de pessoas e perdido na minha imensa solidão.

/

Ela me preenchia

//

Não me julgava

/

Não julgava.

47 minutos

{O vento que entra pela janela, faz tremer a água que enche o copo. A voz sente frio, despe-se}.

Voz:

Essa cadeira já decorou o formato dos meus ossos e a temperatura do meu corpo gélido e algumas noites, febril.

/

Olhos inúteis viram tanto e não viram nada.

//

Nunca viram

/

Verão

/

Invernos

/

INFERNOS

/

Primaveras

/

Um dia verão

/

Sou criança.

40 minutos

{Os pingos como ponteiros, lentamente caem}.

{A voz cobre-se com lençóis e pudores}.

Voz:

Quantas vezes me entregaram em pensamento para outras vozes, vozes gostosas e de sexo fácil, vozes drogadas, bêbadas, imundas, puritanas, na cama e fora dela.

Meu pensamento.

Se pudessem me condenar e me prender por pensamentos, o meu ganharia prisão perpétua.

Cometi meu primeiro crime recém nascido. Matei minha mãe e ainda me agradecem por isso, até hoje, sou abençoado, eu nascia e ela morria.

/

Minha vida de marginal não parou:

//

Roubei ideias que jamais pensaria

/

O extermínio dos sonhos, os sonhos dos outros é claro, os meus eu realizei todos, um por um e depois desisti.

/

Falsifiquei opiniões, minha cara, mudava de cara.

//

Sequestrei, torturei e estupro a vida alheia com palavras arrogantes e a preguiça de sofrer por aquilo que não interessava, fingia confesso, fingia um sofrimento débil e muito convincente modéstia à parte.

/

Lágrimas falsas

/

Hoje verdadeiras

/

Finjo não sentir

/

É natural agir assim.

30 minutos

{As gotas insistentes chegam à metade do copo, pingos grossos}.

{A voz debochada e infantil}.

Voz:

Tem marmelada? Tem sim senhor. Tem goiabada? Tem sim senhor. Tem excesso de açúcar no sangue? Tem sim senhor. Tem diabetes? Tem sim senhor. Tem remédio? Não senhor. Tem cura?

Morra!

/

Tempo de circo e palhaçadas, sou meu palhaço favorito, o único que conheço, porque todos os outros são corretos, gentis e vivem de esmolas e de aplausos.

//

Não sou assim, bebi do melhor da vida e do que era alcoólico.

/

Atuei, aplaudi e fui vaiado por gente pior do que eu.

/

Mãos decompostas e fétidas, julgando com aplausos.

Vomitem na minha cara o que nunca falaram em vez de maçãs vermelhas e sorrisos falsos!

20 minutos

{Sons de sirenes cortam o silêncio por alguns instantes, de repente somente os pingos marginais permanecem}.

{A voz sente medo, voz fraca, esta pela metade}.

Voz:

Reclamei tanto por ser sozinho e depois pelas companhias, por ser o primeiro e por chegar atrasado, reclamei pelas vezes que ganhei e pelas vezes que perdi.

Só reclamava e não vivia, mas reclamar era algo que me fazia estar vivo.

/

Fui velho/novo

/

Tento ser novo/velho

//

Feto e cadáver num só dia

/

Entre extremos

/

Ao extremo chegava com a faca a dois dedos do pescoço

/

E o pescoço a um dedo da corda

/

E as mãos amarradas

15 minutos

{A voz escorre pelas palavras. Os pingos não param}.

Voz:

Não tenho tempo.

São tantas vidas dentro da mesma.

SEM VIDA.

Fechei tantas portas, abri janelas, ME ATIREI DAS JANELAS.

Abri as portas.

Hoje não tenho saída.

Precisei escolher quem viveria e quem morreria em mim.

Assim eram todos os dias.

Idas e vindas.

O doloroso ritual interno.

Matei todas as vozes que criei.

Silêncio

Não tenho paciência para sofrer.

Nunca tive.

Nem alegria.

Nunca tive.

O que é a alegria?

Uma boca aberta, olhos brilhantes e vazios.

Nunca tive paciência para velórios e casamentos.

/

Tudo termina em lágrimas

/

Sou triste

/

Sem lágrimas

/

Mas não sofro.

Ultimamente nem mesmo as lágrimas ultrapassam meus olhos, elas estão
secas e com raiva de todos os olhares.

Vivo no escuro

/

No escuro dos olhos

15 minutos

{A voz tenta recuperar o tempo. Os pingos de água não caem}.

{Tudo parou}.

Voz:

Não culpo ninguém

/

Ninguém falou nada

/

Ninguém fez nada

Nunca ouvi. Nunca reparei os gestos.

As poucas vezes que ouvi, critiquei, bati de frente com as palavras que não
queria ouvir.

As poucas vezes que afagos vieram, mãos frias interromperam.

Abraços não se encontraram

/

Mãos não apoiaram

/

Bocas não se tocaram

/

EU não me tocava

/

Era pecado o TOQUE

/

Tudo era pecado

/

Eu não tocava ninguém

/

Meus dedos sempre gerais

/

Apontavam

/

Criticavam

/

Não me tocavam

15 minutos

Voz:

Não tenho corpo.

Nem idade.

Nem sexo

O sexo era pecado.

O corpo era pecado.

O pecado está impregnado no meu sexo.

Masculino ou Feminino.

Este é meu sexo.

O sexo sem corpo sem toque sem bocas sem cheiro sem pele.

O desejo de sentir um corpo, mesmo que sem sexo, sem idade, apenas um corpo me tocando, o desejo se tornou medo.

//

Tenho medo dos corpos.

Dos sexos.

Das idades.

Dos seres.

Percorrem meu corpo.

Me comem, Me vomitam.

Tomo banho de álcool todas às noites.

Tomo álcool todas as manhãs, com duas pedras de gelo.

Me come em vida

Sem sexo

Sem vida

Somente carne.

15 minutos

{A voz sofre alucinações, encontra outras vozes}.

{O silêncio das gotas que não caem, acorda o quarto fúnebre}.

Voz:

Você está aí?

Venha me fazer companhia!

Sinto-me tão só.

//

Você não está?

Não preciso de você!

Não estou só.

Finjo muito bem.

//

E você, onde está você?

Onde estão todas vocês?
Vocês que moravam em mim.
Habitaram minha mente.
O silêncio está me enlouquecendo.

Falem!

Estão dormindo?

Eu também.

/

Quem sabe o som de um tiro no meio da cabeça acorde vocês e me cale.
Agonizarei em seus braços, direi todas as palavras sem sentido, terei perdido o
sentido e vocês me ouvirão, mudas.

10 minutos

{A voz escorre por todos os cantos}.

{Agarra-se pelas paredes}.

{As gotas de água retornam sarcásticas, o copo está quase cheio e a voz
vazia}.

Voz:

Quero dar uma festa, um baile.

Escolherei meu vestido favorito, farei a barba, usarei um perfume sem cheiro.

Quero fumar todos os cigarros, brindarei com as bebidas mais vagabundas em
taças de cristal puro.

Quero grande baile, o salão lotado de balões.

Os balões cheios de ar.

O ar das bocas mais puras.

Bocas rosadas de crianças.

O ar das bocas beijadas por dinheiro.

O ar daquelas bocas ácidas.

O ar dos pulmões pretos pedindo ajuda.

A festa sem alegria.

O baile sem valsas.

Sem pares.

Sem luzes.

Uma orgia das aberrações, das bocas que profetizam, das mãos que curam,
dos que sobrevivem, dos que já estão mortos.

05 minutos

{A voz está em prantos, sabe que está no fim}.

{As gotas atingem o máximo que podem e logo se derramarão em soluços}.

Voz:

As mãos estão tão longe que já não posso tocá-las.

Não vejo seus olhos.

Eles estão secos.

Ou são os meus?

04 minutos

Preciso me despedir

/

De mim

/

Que nunca conheci.

02 minutos

{A voz derrama}.

{A água escorre e envolve o corpo daquela voz}.

Voz:

Tenho sede

//

Sinto frio

//

Os detalhes do meu corpo estão sumindo

/

Boca amarga

/

Olhos escuros

/

Quero um cigarro

/

Quero um corpo

/

Um beijo

/

Um brinde

/

A quem vai

A quem foi

A quem virá

01 minuto

{A voz encosta a boca no chão e bebe a água preparada por sua vida}.

{Ela bebe a vida}.

Voz:

Molhe minhas palavras

Minha língua afiada

Minha pele

/

Lave meu sexo e SINTA meu sexo

Sinta prazer ao tocá-lo

Destrua meu corpo, lave minha alma, me reduza a nada, este é o meu lugar.

No nada existo.

No nada insisto.

No nada.

Posso tudo.

{A voz retorna à cama, cobre-se de lençóis brancos}.

{A água invade o quarto}

{As palavras morrem}

Silêncio

Fim

.

.

.

ATENÇÃO

O acervo disponível para consulta neste site é composto de obras desenvolvidas pelos alunos do Núcleo de Dramaturgia do SESI/PR, e foram disponibilizadas tão somente para fins educacionais. Desta forma, é vedado ao usuário ou qualquer outra pessoa que tenha acesso ao conteúdo deste site, copiar, modificar, transferir, sublicenciar, vender, ou de qualquer forma, colocar à disposição de terceiros, sem autorização do detentor dos direitos autorais.

Contato do autor: João Agner

Email: joao.agner@hotmail.com